

Ultraje, exílio e salvação: Filoctetes e José do Egito

Outrage, exile and salvation: Philoctetes and Joseph of Egypt

Ana Paula Pinto

Universidade Católica Portuguesa/ CEFH
appinto@braga.ucp.pt

Palavras-chave: Filoctetes, José do Egito, memória, salvação, tradição bíblica, tradição mítica grega.
Keywords: Philoctetes, Joseph of Egypt, memory, salvation, biblical tradition, Greek mythological tradition.

1. Filoctetes e José

A imagem de Filoctetes, sustentada nuclearmente pelo testemunho trágico de Sófocles, atravessa obsessivamente toda a Literatura Grega, no amplo arco temporal que vai desde a aurora original da Época Arcaica, algures, por volta do séc. VIII a.C., até ao ocaso, ao fim da Idade Antiga, no séc. IX.

A fortuna da saga lendária surge já claramente indiciada na elaboração poética homérica, onde recorre muito brevemente em três passos, um da *Iliada*, e dois da *Odisseia*.

Na *Iliada*, na longa exposição do *Catálogo das Naus* (II 484-877), ao citar o contingente que vem de Metona e da Taumácia, de Melibeia e da áspera Olízon (II. II 718-725), o narrador anuncia sibilamente que em breve a necessidade trará à memória dos aqueus a figura do soberano¹. Esta expansão proléptica, inscrita num hábil mecanismo de concisão dramática², acaba por distinguir, no imenso cômputo dos guerreiros *posicionados*

¹ “Destes comandava Filoctetes, o sábio arceiro, / sete naus: em cada uma tinham embarcado cinquenta/ remadores, bons conhecedores do combate com arco e flecha./ Pois ele jazia agora numa ilha, em grande sofrimento,/ na sacra Lemnos, onde o deixaram os filhos dos Aqueus/ padecendo da ferida horrível de uma venenosa serpente. /Aí jazia, cheio de dores, mas em breve se lembrariam/os Aqueus junto às naus do soberano Filoctetes.” (II. II 718-725). Todas as traduções dos Poemas Homéricos citadas são da autoria de Frederico Lourenço, nas edições portuguesas da *Iliada* (2005) e da *Odisseia* (2003).

² O mecanismo permite ao poeta concentrar excepcionalmente, em cerca de 22 dias de acção, dez anos da mais violenta guerra que a Antiguidade conheceu, e preparar por antecipação, sem nela mergulhar, a funesta ruína da cidade de Tróia.

na pradaria florida do Escamandro
aos milhares, como as folhas e as flores na época própria (Il. II 467-68),

a relevância inesperada deste comandante de um contingente humilde de sete naus³: no testemunho enigmático, que o público compreenderia de forma clara, sem necessidade de maiores explicações, já se indicia a tradição mítica da predestinação do herói, excelente arqueiro, condutor de um povo de arqueiros, e também fadado a muito sofrer.

A *Odisseia* também manifesta óbvia familiaridade com o tema. Depois de abonar à curiosidade de Telêmaco – que cresceu sem a presença do pai – a excepcionalidade da prestação de Ulisses em Tróia, Nestor detalha as circunstâncias do regresso de vários Aqueus (*Od.* III 190 *sqq.*)⁴; a narrativa aproxima, no regresso e na fortuna, Neoptólemo e Filoctetes, que a tradição mítica fizera partilhar, com a grave responsabilidade da destruição de Tróia, uma amizade sólida. Em *Od.* VIII 219⁵, depois de lançar muito longe o disco, e ser elogiado por Atena, metamorfoseada em mortal, Ulisses ufana-se de poder pôr à prova em qualquer das modalidades atléticas qualquer rival, porque já em Tróia deu provas de excelência, manejando sem esforço o arco, façanha em que apenas Filoctetes o superava. Em ambas as passagens da *Odisseia*, o herói é apresentado como o grande arqueiro que regressou à pátria são e salvo – mas não se alude ao enquadramento do seu sofrimento.

A maior parte pontual dos detalhes relativos à figura de Filoctetes recolhe-se a partir de reelaborações posteriores, sobretudo a da tragédia supérstite de Sófocles⁶ – a única de muitas composições literárias a poder testemunhar a inegável sedução que exerceria sobre a consciência dos Gregos, e em particular dos seus vates trágicos, a notação da extraordinária dureza das circunstâncias que precipitaram à queda e arrastaram depois a um insólito resgate e triunfo o herói tessálio.

De forma esparsa, a sua imagem assombra ainda, no entanto, os mais variados autores – poetas e dramaturgos, filósofos, historiadores, geógrafos, gramáticos, retores e teólogos⁷ – sem deixar de lançar sobre o imaginário dos homens e as

³ O poeta não deixa de referenciar excepcionalmente que as naus iam equipadas com 50 homens cada, todos excelentes arqueiros, a acumularem ainda a função de remadores.

⁴ Nestor soube que chegaram bem à pátria Neoptólemo, e Filoctetes, o filho de Peante, e também Idomeneu; já igual fortuna não gozou Agamémnon, assassinado por Egisto, que depois morreria por sua vez às mãos do filho deste, Orestes.

⁵ No enquadramento da hospitalidade Feace – gentilmente convidado por Laodamante, um dos filhos de Alcínoo, e desabridamente provocado pelo insolente Eurialo – Ulisses toma parte nas competições, preludiando pela habilidade atlética a reabilitação da sua figura heróica, que a identificação e a narrativa das aventuras confirmarão.

⁶ Que garantiu ao tragediógrafo um primeiro prémio, nas Grandes Dionisíacas de 409 a.C.

⁷ Poetas (Homero, Píndaro, os autores dos *Poemas Cíclicos*, Quinto de Esmirna e Trífodoro) e dramaturgos (Ésquilo, Sófocles, Eurípides, Aqueu de Erétria, Teodecto, Antífote, Fílocles; os comediógrafos Estratis, e Antífanes, Epicarmo e Aristófanes), filósofos (Aristóteles e Máximo de Tiro), historiadores (Ateneu de Náucratis e Tucídides, Díon Crisóstomo e Diodoro Sículo, Apiano de Alexandria), geógrafos (Pausânias e Estrabão), gramáticos (Díon), e mitógrafos (Apolodoro de Atenas), escritores polimáticos (Plutarco e Luciano de Samósata), retores e teólogos (Taciano o Assírio e Fócio de Constantinopla). As fontes, muito diversas, estão testemunhadas desde os Poemas Homéricos, fruto já de uma longa tradição de oralidade prévia, aos comentários eruditos dos sábios bizantinos do

outras artes que dele fluem o sortilégio do seu fascínio. Associado de forma mais ou menos controversa ao ciclo heróico de Héracles, a Filoctetes, filho de Peante, coube – ou por legado paterno, ou por mérito próprio⁸ – receber em herança o arco e as flechas mágicas de Héracles, o filho de Zeus. Arrastado do conforto da pátria, na Tessália, pelo dever aristocrático de defender a honra dos pares (em virtude da deslealdade de Helena e Alexandre), atingido pelos deuses⁹, e ferido pela deslealdade dos companheiros, ele é obrigado a viver a condição excepcional de um exílio maior, que se confunde com a própria morte, completamente isolado em Lemnos, até que sinais proféticos manifestem aos Aqueus a exigência da sua pacificação e reintegração para a solução definitiva do conflito armado em Tróia¹⁰.

A figura de José ocorre na narrativa bíblica do *Gênesis*, o primeiro dos livros da Sagrada Escritura¹¹. Depois de se propor, por um preâmbulo poético, o relato das origens (Gen 1-11), a partir do momento nebuloso primordial, em que das trevas e do abismo, o Espírito Divino criou a terra, os céus, e as águas, e os foi generosamente constelando de maravilhas multiplicadas, a narrativa detém-se a pormenorizar, num efabular diacrónico, a história dos homens, a partir de Adão, o herdeiro de toda a criação, a quem é confiado um papel de protagonista entre as criaturas. Depois da dramática expulsão dos Jardins do Éden, que inscreve na narrativa a certeza primordial da culpa, os filhos de Adão dispersam-se pela vastidão do mundo, guiados na sua angústia de proscritos pela promessa divina de salvação; e se a Queda Original se replica no pecado exarcebado, que justifica como sanção o cataclismo cósmico do Dilúvio, a certeza da redenção resgata outra vez da desolação os homens, continuando a projectar para o futuro a sua história de misérias. As itinerâncias dos homens, no espaço geográfico do Crescente Fértil, desde a Mesopotâmia ao Egipto, surgem articuladas em três grandes

séc. XII, combinando naturalmente, como em todos os romances simbólicos do mito, as versões mais ou menos canónicas, depuradas e podadas pelo rigor dos eruditos, e as mais ou menos desviantes, recolhidas pelo afã folclorista de historiadores e geógrafos. Para mais detalhes, vd. Pinto, A.P., “A educação pelo sofrimento: o tema mítico de Filoctetes na Literatura Grega Antiga” (2018).

⁸ Algumas versões da lenda atribuem a dívida de Héracles ao pai, que protagonizaria o episódio do atear da pira fúnebre do herói, outras fazem-no directamente merecedor, pelo valor guerreiro e pela disponibilidade da sua amizade, da gratidão de Héracles.

⁹ Ou por um infeliz acaso, ou pela culpa de ter violado o dever sagrado de um juramento.

¹⁰ A tradição poética trouxe dos Poemas Homéricos, inabalavelmente certificada, a garantia profética de que os destinos do mundo, e a vontade dos deuses, se inscreveram no rol da história, debaixo das cinzas de Tróia, pela humanidade reabilitada do herói tessálio.

¹¹ A sequência narrativa de José (Gen 37-50) encerra o primeiro livro da Sagrada Escritura, o *Gênesis*, e marca a ponte narrativa com o segundo livro, o *Êxodo*, onde se detalha a continuação da história da família de Israel, e de todos os descendentes de cada um dos filhos que, a convite de José, se instalaram no Egipto com Jacob. O segundo livro do *Pentateuco* começa precisamente com uma síntese genealógica “Êxodo 1,¹ Estes são os nomes dos filhos de Israel, e as respectivas famílias, que foram com Jacob para o Egipto:² Rúben, Simeão, Levi e Judá,³ Issacar, Zabulão e Benjamim,⁴ Dan e Neftali, Gad e Aser.⁵ Os descendentes de Jacob perfaziam um total de setenta pessoas. José encontrava-se já no Egipto.⁶ Depois, José morreu, bem todos os seus irmãos e toda aquela geração.⁷ Os israelitas foram fecundos e multiplicaram-se, tornaram-se tão numerosos e tão poderosos que encheram o país” (*Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica (missionários Capuchinhos), Lisboa, 1981, 9ª ed.).

ciclos narrativos, vinculados, num esquema diegético de progressão genealógica, à história dos Patriarcas, interlocutores privilegiados de Deus, Abraão (Gen 12, 1-25, 18), Isaac e Jacob (Gen 25, 19-37, 1), e José (Gen 37, 2-50, 26). Respondendo ao convite de Deus, que os chama, cada um deles assume o destino do exílio: Abraão deixa Harran, a sua terra, família e casa paterna, e descendo pelo Egito, com a mulher Sarai e Lot, o filho do irmão, dirige-se à terra de Canaã, onde Deus lhe promete que habitará um dia a sua descendência; depois da morte da mãe, Isaac procura noiva na terra paterna (Gen 24, 1), e recebe a prima Rebeca, marcada de esterilidade, de quem nascerão por intervenção divina Esaú e Jacob (Gen 25, 19)¹²; receando a vingança de Esaú, a quem o irmão prejudicou nos direitos de proleitura, Rebeca ordena ao filho dilecto Jacob que se afaste a servir uns tempos em casa do tio Labão (Gen 27, 41), onde lhe serão dadas por esposas as duas irmãs, suas primas, Lia e Raquel (Gen 29), mães de numerosa e antagónica descendência.¹³ No elo final de uma longa cadeia genealógica – que se prolongará ainda, nos livros seguintes, e nas próximas etapas da história de Israel, num enquadramento de crescentes hostilidades e traições familiares – a José, o filho preferido de Jacob, vítima do ressentimento dos irmãos, e forçado a assumir o exílio (simbolicamente vivido como orfandade e luto por ele e pela família), longe da casa e do amor paterno, caberá também por desígnio divino, inscrito num reiterado projecto de redenção da culpa, a salvação dos que o ultrajaram.

É, pois, na moldura de uma tipologia mítica comum, apoiada em mitemas afins (o do ultraje, o do exílio e o da salvação) e estruturas ficcionais similares, que nos propomos fazer a leitura simbólica do tema da culpa e da salvação presente em ambas as narrativas.

2. No enquadramento de duas tradições históricas e literárias

O primeiro ponto de contacto entre as duas narrativas parece ser um similar enquadramento de cada uma das sequências ficcionais singulares em ciclos lendários alargados. Tal como sucedeu com os Poemas Homéricos, fruto de uma lenta elaboração (re)criadora de gerações de aedos, que amadureceu em vários séculos de transmissão oral os fios narrativos de uma complexa rede mítica, também os livros do *Pentateuco* (e vários outros dos do Antigo Testamento) resultam da cristalizar de uma longa tradição narrativa, algumas vezes de natureza eminentemente política e religiosa, passada de boca em boca, de pais para filhos, nas tendas do deserto ou nas casas rurais da Palestina, e entoadas pelos fieis nos templos, até se fixarem num muito amplo trabalho de redacção. Enquanto Filoctetes surge a

¹² Esaú e Jacob são gémeos, lutarão no seio materno, prefigurando o conflito (Gen 25, 22), e merecerão as preferências controversas dos pais (Isaac prefere Esaú, Rebeca Jacob, Gen 25, 27); a herança (a benção de primogenitura) será trocada por um engano de Jacob, incentivado pela mãe (Gen 27).

¹³ A descendência de Jacob implica a sua relação com Lia (Ruben, Simeão, Levi, Judá, Gen 29, 31-35; e ainda Issacar e Zabulão, Gen 30, 16 *sqq.*; e Dina, Gen 30, 21; 34, 1); com a escrava desta, Zilpa (Gad e Aser, Gen 30, 9 *sqq.*); com Raquel (José, Gen 30, 22 *sqq.* e ainda Benjamim, Gen 35, 16) e com Bilha, a escrava de Raquel (Dan, e Neftali; Gen 30 4 *sqq.*). Os doze filhos (a que acresce uma única filha) representam as dozes tribos de Israel.

partir do primitivo reportório que subjaz à produção poética homérica (possivelmente datável de pelo menos uns séculos antes)¹⁴, inserido no grande ciclo lendário da *Guerra de Tróia*¹⁵, José apresenta-se no acervo narrativo fundacional do *Génesis*, cuja redacção tende a ser localizada pelos especialistas no séc. V a.C.¹⁶

Ambas as narrativas trazem, além disso, um inequívoco selo simbólico, associado à notação complexa da culpa e do castigo – que envolvem simultaneamente as acções dos homens e a vigilância divina.

Por um lado, a mundividência grega antiga associava ao território bárbaro de Tróia a terrível sina de ter sido o palco de excepção que os deuses escolheram para aliviar, numa ofensiva bélica sem precedentes, o peso excessivo da terra, contaminada pelas culpas e misérias dos mortais¹⁷, a quem eles teriam criado por olímpico desfastio, e entregado como morada provisória o lodo triste da terra; as culpas pessoais dos homens, movidos por ingenuidade (como Alexandre) ou por ambição (como Agamémnon) a apossarem-se do lote de fortuna que lhe não está destinado, desencadeiam sobre a terra as crises que os precipitam ao encontro da desgraça, e definem, frente à bem-aventurança eterna dos deuses, a fronteira irrevogável da sua incompletude mortal.

Por outro, a tradição bíblica atribui ao *Génesis* a responsabilidade de testemunhar poeticamente os primórdios da história, desde a nebulosa criação do mundo. O homem assume, como projecto eleito de um Deus criador, o protagonismo entre todas as criaturas, e rasga desde os seus primeiros passos sobre a terra uma itinerância – mais ou menos consciente, e mais ou menos responsável – em busca da salvação que lhe está amorosamente prometida desde o acto criador inicial¹⁸. Mas esse povo eleito, chamado a um destino peculiar pelo criador, que deveria responder, como agente de uma fé autêntica, à herança de amor que lhe

¹⁴ Sem ser um arquétipo mítico equivalente a Aquiles ou Ulisses, a quem coube a honra de protagonizar os dois Poemas Homéricos, a figura do herói perpassa toda a Literatura Grega (vd. *supra*, nota 7), não tanto pela sua relevância heróica, mas pelo enquadramento da sua singularidade heróica no grande ciclo lendário troiano.

¹⁵ Além dos grandes ciclos míticos de Tróia e Tebas, ocorrem na tradição mítica grega os grandes ciclos heróicos de Hércules, Jasão e Teseu, cuja unidade narrativa reside na identidade do herói; as aventuras deste, pujantes de vitalidade, não põem em causa a ordem do Universo, nem têm repercussões cósmicas; são apenas provas a que está sujeita a sua peculiar identidade, e que traduzem a relevância de um ou vários espaços a que a sua história está vinculada. Para mais detalhes, vd. Grimal (92, pp. XXXVII *sqq.*).

¹⁶ É muito difícil datar a novela de José, por quase inexistência de critérios internos: as alusões ao rei que salva a vida do seu povo, e simultaneamente as suspeitas relativas à monarquia (e.g., Gen 37, 8, os irmãos reagem muito mal à ideia de que José “reine” sobre eles) fazem supor que datasse do período da monarquia unificada; a insistência nas tribos do Norte (a que estão associados os nomes de José, Rúben, Benjamim) sugere a datação nos começos da monarquia de Israel; também parece estar associada ao período da diáspora egípcia; é provável que date do séc. V a.C. Apesar dos esforços multiplicados dos eruditos, a datação continua a ser amplamente ignorada. Para mais detalhes, cfr. Wénin (2006, pp. 44-45).

¹⁷ Nesse sentido, inclui-se no mesmo enquadramento-tipo da narrativa do Dilúvio.

¹⁸ Nesta itinerância narrativa sublinha-se, antes de mais, a convicção de que Deus criou voluntariamente como veículo do seu amor o homem (Gen 1, 26), e escolheu para o povo que dele descendeu o caminho da salvação.

foi superiormente transmitida, erra e desencaminha-se, mais próximo do pó da terra de que foi moldado (Gen 2, 7), do que do divino sopro com que lhe foi instilada amorosamente a vida; por isso ele será castigado com a expulsão do Éden, e o regresso enlutado ao destino mortal que lhe garante a comunhão com o pó da terra: “porque tu és pó e em pó te hás-de tornar” (Gen 3, 19).

3. Mitemas comuns fundamentais

Na articulação diegética de cada uma das duas histórias recorrem, pois, como mitemas fundamentais, os tópicos do ultraje, do exílio (em ambos os casos conotado com a própria morte)¹⁹, e da salvação²⁰.

Das múltiplas versões do mito grego sabemos que, seduzido pelo excepcional sortilégio da beleza de Helena, Filoctetes integra um dia o elenco dos pretendentes a quem Tíndaro vincula por um juramento solene; quando mais tarde, segundo as lúcidas previsões paternas, ao marido eleito, Menelau, se impõe a desafronta da honra, Filoctetes acompanhará a expedição aqueia contra Tróia, chefiando o mais humilde dos contingentes, o dos exímios archeiros tessálios de Magnésia; distingue-o, na hora da partida, uma peculiar habilidade com o arco, de que já dera provas, mas também o facto de ter confiada à sua guarda a posse das armas (o arco e as flechas) de Hércules, que o semi-deus recebeu dos parentes divinos Hermes e Apolo, e garantem magicamente ao detentor um inequívoco sucesso em campanha. Por uma contingência insólita, porém, numa escala da viagem, em Ténedos ou Crise, durante um sacrifício, é mordido por uma serpente venenosa (ou pela seta envenenada de Hércules, que assim vingaria a violação de um segredo), que lhe causa um ferimento incurável e insuportável; perturbados pelo cheiro da ferida infecta, e pelos gritos lancinantes do ferido, os Aqueus, persuadidos pela perfídia de Ulisses, abandonam-no à traição em Lemnos, onde, numa absoluta solidão, luta diariamente por sobreviver. Ao fim de dez anos de convulsões em Tróia, o destino, mediado pela voz profética do priamida Heleno, prisioneiro do exército grego, impõe que o herói, o mais ínfimo e aparentemente indigno dos infelizes mortais, assuma em Tróia o feito inaudito de, pelas armas mágicas de Hércules, concluir a ruína definitiva da cidade que resiste às pressões dos homens e às iras dos próprios deuses²¹.

¹⁹ Em Filoctetes, o isolamento amplia-se metaforicamente ao decorrer numa ilha; para a tipologia das ilhas na Literatura (entre: a) *Escatológicas* (dos Bem-Aventurados); b) *Míticas* (Hespérides); c) *Utópicas* (Atlântida); d) *Fantásticas* (Esquéria); e) *Lendárias* (Tule); f) *Amenas* (Ogígia); g) *Ilhas-Paraíso* (como as da *Navigatio Sancti Brendani*); h) *Ilhas-Exílio* (Lemnos de Filoctetes); i) *Flutuantes* ou fantasmas (Cila e Caribdis), vd. M. Martínez (2002, pp. 518-19).

²⁰ De sublinhar a extraordinária recorrência de referências temáticas paralelas ao destino, à voz profética/sonho, e à incomunicabilidade dos homens.

²¹ A solução definitiva da guerra dilui-se na responsabilidade heróica partilhada; a cada um de múltiplos guerreiros será dada a preponderância pontual; só o mosaico colectivo do exército permite derrotar, em etapas sucessivas, o potentado de Tróia; para isso fazem falta cada um dos muitos heróis, Aquiles, Ulisses, Ajax, Diomedes, Epeu. Pela responsabilidade partilhada, tam-

A história de José inscreve-se no enquadramento de uma grave crise familiar, fomentada pela predilecção do pai por um dos doze filhos; a notação, explicada agora relativamente à descendência, já merecera, nos capítulos anteriores (Gen 29 e 30), uma fundamentação óbvia na predilecção de Jacob pela segunda esposa, Raquel, que só por um estratagemas perverso lhe fora tributada em segundo lugar pelo pai Labão, substituída em primeira instância pela irmã Lia. A narrativa começa precisamente a indiciar a segregação a que José²² seria submetido pelos irmãos (Gen 37, 2), compensada, de resto, pelo especial favor e estima que lhe dedicava o pai (Gen 37, 3). Afrontados pelo menosprezo paterno²³, acicatados pelo ciúme da mãe, e transtornados pela altivez do irmão mais novo, que não se exime de dar sinais das suas aparentes pretensões à primazia na fratria²⁴, os filhos de Lia, acompanhados ainda pelos das escravas Zilpa e Bilha, decidem eliminá-lo da família, e corrigir assim a desproporção afectiva do amor paterno. O projecto de morte é substituído pelo da venda em escravidão, e o jovem, arrastado para o Egipto, acaba por marcar por uma prolongada ausência a vivência familiar maculada pelo ciúme²⁵. Acompanhado do amor inextinguível de Deus, que vela o seu percurso de exílio, e o cumula de inesperados sucessos, José voltará um dia a rever os irmãos, dotado da missão divina de operar, num momento de profunda crise (social, histórica e económica), a salvação da família, sobre quem Deus multiplica, renovadas, as especiais bênçãos atribuídas às gerações passadas.

4. Diferenças

Pesem embora as notáveis semelhanças, as duas elaborações míticas sublinham uma evidente distinção. Enquanto a narrativa grega, provavelmente contaminada pelas limitações de uma muito peculiar transmissão, encaram o herói tessálio pelo ângulo heróico de uma absoluta individualidade – que dá à sua *aristeia* um recorte irrepetível, e distintivo – a narrativa bíblica insiste, com um cuidado de construção dramática muito típico, em inserir José num devir humano que começa muito antes do seu nascimento (ou do do seu pai, ou do seu avô): começa

bém cada um deles depositará nas sombras do submundo o seu pequeno quinhão da eternidade de empéstim, mantendo-se vivo na memória dos poetas e dos seus auditórios.

²² Gen 37 enuncia como, aos 17 anos, José apascentava os rebanhos e passara a infância com os filhos das escravas Zilpa e Bilha.

²³ José, filho da velhice e da esposa preferida, surge como o dilecto do pai (Gen 37, 3), que o manifestava explicitamente dando-lhe prendas de distinção (a túnica) (Gen 37, 3).

²⁴ Cfr. o sonho profético dos feixes de palha (Gen 37, 6), e o do sol e da lua prostrados (Gen 37, 9); invejosos, os irmãos cognominam-no depreciativamente como “o homem dos sonhos” (Gen 37, 19).

²⁵ Os irmãos maquinam matá-lo, mas Rúben opõe-se ao projecto (Gen 37, 21), e manda prendê-lo na cisterna vazia; Judá propõe vendê-lo a uma caravana de comerciantes ismaelitas (Gen 37, 26), e com isso alteram as disposições benéficas de Rúben (Gen. 37, 29); enganam o pai com a notícia da morte do jovem, comido por uma fera, por meio da apresentação da túnica com sangue de um cabrito; Jacob recusa consolações e assume o luto pelo filho (Gen 37, 34) que é vendido a Putifar, o Eunuco do Faraó do Egipto (Gen 39, 1).

exactamente no nebuloso momento em que o sopro divino de Deus concebeu um projecto alargado de criação, e o requintou com amoroso cuidado na profusão de maravilhas com que constelou a terra.

A referência onomástica e o título patronímico da cultura greco-romana vinculam o homem à sua história, e trazem à memória dos próximos uma herança de honra que é preciso salvaguardar. De Filoctetes sabemos um nome – irrepetido na cultura grega, que trai, desde a matriz onomástica da sua peculiar etimologia²⁶, a sua função de *conquistador* (e talvez a censura a uma certa ambição?), e um patronímico, *filho de Peante*, que pode traduzir talvez a capacidade genética para grandes realizações. Pouco mais. É um homem adulto²⁷, a quem um acaso, forçado pelos caprichos da fortuna, atribui protagonismo na história de salvação de um povo²⁸. Também ele é um filho único²⁹, e possivelmente o final obscuro de uma obscura cadeia genética, casualmente convocado a sobressair da mole imensa das gerações dos homens, *tão numerosas como as folhas das árvores* (Il. XXI, 462 sqq.), e a cair triste no pó da terra como elas. Contrariamente a outros heróis da tradição épica grega (como Aquiles e Ulisses, os modelos paradigmáticos especulares dos Poemas Homéricos, a quem conhecemos família e descendências), os seus vínculos humanos diluem-se marginalmente na relação horizontal de companheirismo heróico, muito ferida aliás pelo tema do ultraje. No curto espaço de tempo de que dispõe, a sua mortalidade traduz apenas, a si e aos outros, essa certeza perturbadora de que o destino pode convocar ao acaso de grandes honras a grandes quedas, e de grandes quedas a grandes honras, qualquer dos homens.

De José, o que sabemos? Que aos dezassete anos, quando começa a narrativa dos seus erros (Gen 37, 2), pastoreava longe dos irmãos mais velhos, e entre os irmãos filhos das escravas, os rebanhos, confidenciando ao pai as mágoas de

²⁶ A etimologia do nome Φιλοκτήτης combina como termos de formação o adjectivo φίλος e o verbo κτάομαι (*possuir, conquistar, procurar, adquirir*); o primeiro termo, muito produtivo como (primeiro e segundo) elemento de composição, combina a componente semântica do possessivo arcaico com a notação da propensão ou estima por; o segundo termo é um deverbativo com sufixo de agente; a articulação morfológica de ambas as raízes permite traduzir a referência onomástica como “aquele que gosta de conquistar/ possuir”. Já o nome do pai, Ποιός, ἄντρος, possivelmente ocorrendo como uma actualização denominativa do verbo ποιέω (*fazer, realizar, criar*), parece aludir à capacidade criativa e realizadora do pai.

²⁷ Todas as versões antigas do mito colocam a tónica do seu agenciar heróico imediatamente antes de Tróia, no enquadramento das enigmáticas façanhas de Hércules, que, por um embaraço acidental, o predisporão a um destino ínvio.

²⁸ Nos Poemas Homéricos, as alusões à infância e juventude dos heróis, mesmo dos protagonistas, são pouco detalhadas, e não merecem senão referências muito breves ou pregnantas alusões (de Aquiles, na *Iliada*, alude-se à boda e separação de Tétis e Peleu em XVIII 75, XVIII 429 sqq.; XXIV 59 sqq.; a infância e educação de Aquiles por Quíron, em XI 830 sqq; ou por Fénix, em IX 438 sqq.; a juventude em IX 666 sqq., XIX 326 sqq.); na *Odisseia*, a infância e juventude de Ulisses merece a digressão da cicatriz, em XIX 392 sqq.; vd. também XXI 11 sqq; I 255 sqq.; mesmo a infância de Telémaco recorre em muito breves alusões, e a história de Laertes resume-se à depressiva experiência de orfandade voluntariamente vivida no exílio das propriedades rurais.

²⁹ O drama essencial dos filhos únicos arrebatou o imaginário dos poetas gregos, desde o Aquiles e Neoptólemo da *Iliada*, ao Ulisses e Telémaco da *Odisseia*, e a grande parte dos solitários heróis trágicos.

infâmias sofridas. Que o seu coração era palco de sonhos enigmáticos, que ele comunicava sem suspeitas à família. E muito mais sabemos: a efabulação narrativa permite-nos reconstruir a cronologia exacta dos factos, e as suas simetrias, dotadas de um significado simbólico. José vive os primeiros dezassete anos no seio da família, em Canaã, e assume protagonismo na violenta crise familiar que grassa no silêncio incomunicável de cada um dos seus membros. Vítima do ressentimento dos irmãos, será então afastado para o Egipto, e apresentado como morto ao pai. A família vive de forma desencontrada, entre a desconfiança e a culpa, este luto mal aceite, enquanto durante cerca de vinte e um anos José aprende a viver a sua orfandade no exílio. Este período está, por sua vez, marcado por uma divisão especular de duas etapas de cerca de onze anos: na primeira José, acompanhado pelo amor vigilante de Deus, goza de grande sucesso na casa de Putífar, mas acaba vítima da difamação da esposa do eunuco do Faraó e, novamente castigado pela injustiça de um ressentimento que não merece, é enclausurado na prisão (Gen 39, 1-20). Daqui, será pouco depois, aos trinta anos (Gen 41, 46), resgatado para outra fase prolongada de êxito no palácio do Faraó. O primeiro encontro com os irmãos deve situar-se por volta dos trinta e sete anos de idade, quando se esgotaram já os sete anos de abundância profetizados por José (Gen 41, 57). Jacob emigra ao encontro do filho perdido no ano seguinte, com cento e trinta anos (Gen 47, 9), e viverá lá por mais dezassete anos (Gen 47, 28), de modo que José regressará ao afecto paternal por mais dezassete anos, desta feita no exílio, no Egipto. Quando o pai morre José terá cinquenta e cinco anos e morrerá aos cento e dez anos (Gen 50, 22, 26), isto é, cinquenta e cinco anos depois da morte do pai³⁰.

O relato dedica também ao tratamento dos espaços cénicos, e à sua expressividade dramática, um peculiar cuidado. A acção narrativa corresponde *grossomodo* a quatro actos cénicos³¹, marcados por mudanças de ambiente, cuja sucessão implica sempre uma viagem. No acto I (Gen 37, 1-36), José vive em Canaã até aos 17 anos, mas é vendido para o Egipto; no acto II (Gen 38, 1-41, 53) contrace-nam Judá, a esposa cananeia e os filhos, e Tamar, a nora, no espaço de Adulam e Timna, por um lado, e por outro, replicando o esquema prévio, como o irmão,

³⁰ Para a questão da cronologia e simetria dos episódios, vd. Wénin (2006, pp. 6 *sqq.*).

³¹ Para a articulação cénica dos episódios em quatro actos fundamentais, que sublinham as simetrias estruturais e sua relevância da narrativa, vd. Wénin (2006, pp. 7 *sqq.*). Enquantos os actos I e IV, inteiramente dedicados à vivência familiar endógena, se reflectem mutuamente, como peças de desencontro e reencontro de uma itinerância de amadurecimento pessoal, que manifesta a evolução positiva das relações fraternas, o II e o III, intercalados entre si, exibem a presença dos elementos estranhos ao seio da família. O acto IV apresenta os resultados deste transformar dramático das circunstâncias: Jacob discute a posição de cada um dos filhos, e corrige a primeira impressão acerca da preponderância de José notada no acto I: nem os irmãos nem o pai se prostrarão diante dele (Judá assumirá a autoridade familiar, e a descendência de José é deslocada por adopção). No entanto, José é o herdeiro das bênçãos, o eleito entre os irmãos, depositário da vida; tal como a angústia de Jacob no primeiro acto trouxera à colação as mortes do filho e do pai, o quarto acto termina com a realização dos seus funerais: tal como o pai chorara o filho, agora é este quem pranteia o pai... Tal como fora levado escravo por uma caravana, agora regressa à pátria ancestral por uma caravana; o tema da culpa regressa no receio dos irmãos, e anula-se no perdão explícito de José.

mas de todo isolado dele, José vive uma história de engano com a esposa de Púti-far, e constitui, a sua própria família com a esposa Asenet, no Egito. No Acto III (Gen 41, 54- 47, 27), o tema da crise familiar e da fome precipita o encontro de José com a família, em três episódios de idas e vindas dos irmãos, arrastados do pai para o filho e do filho para o pai³². O Acto IV (Gen 47, 28-50, 26), centra-se nas circunstâncias da morte de Jacob, anunciada pelo narrador e pelo pai a José, preparada pelas disposições testamentárias do Patriarca, e consumada e ritualizada nos funerais; o epílogo, 55 anos depois, refere especularmente a morte de José³³, e o regresso futuro à Terra Prometida.

Este cuidado de contextualização detalhada da história familiar justifica o facto de a presença de José se impor à consciência ainda antes de nascer: ele foi o filho muito desejado de uma relação de amor privilegiada dos pais, que os homens dificultaram³⁴, mas Deus acompanha amorosamente, abençoando a fidelidade paciente de Jacob com o nascimento excepcional do menino e seu irmão. E depois do nascimento, o sinal evidente do amor cumulará ainda o jovem, preferido pelo pai e perseguido pelos ciúmes dos irmãos, vendido, exilado, aprisionado, a descer todos os degraus da dignidade humana, até vir de novo a ser resgatado pelo amor divino para um destino salvífico.

A corroborar esta impressão de muito sólido enraizamento num contínuo devir familiar, que o esquema narrativo catalogico das *Genealogias* bíblicas³⁵ acentua, todas as gerações repetem, como estruturas imagéticas recorrentes – verdadeiros

³² Em Gen 41, 54-42, 38 descreve-se a primeira viagem ordenada por Jacob a dez dos filhos; em Gen 43-45, sucedem-se diálogos e encontros, precedidos pelo mordomo de José; em Gen 46, 1-47, 27, decorrem os encontros de José com a família, em duplicado, a sós e na presença do Faraó.

³³ O tema da morte enquadra o pretexto do regresso a Canaã (também implícito nas bênçãos de Jacob aos filhos e netos, em particular a Manassés e Efraim) e prepara, por isso, o caudal narrativo do regresso do exílio à Terra Prometida, que o próprio José faz prometer aos irmãos no final do episódio.

³⁴ Ver os artifícios de Labão a postergar e rentabilizar ao máximo a paixão de Jacob por Raquel.

³⁵ Genealogias e linhas de descendência: a Descendência de Caim (Gen 4, 17); descendência de Set (Gen 5, 6 *sqq.*), do qual nasce (na nona geração) Noé (Gen 5, 28); descendência de Noé (Gen 9, 18; Gen 10, 1-32); descendência de Sem (filho mais velho de Noé) a Abraão, na décima geração (Gen 11, 10 *sqq.*); Abrão é, assim, o primeiro avô (ou Patriarca) do povo eleito, e a sua história genealógica, desde Adão, é contada nos primeiros onze livros do *Gênesis* (conhecidos como a pré-história bíblica). Descendências colaterais, de Nohor, irmão de Abraão, em Gen 22, 20; descendência colateral de Abraão e Quetura (Gen. 25); descendência de Ismael (Gen 25, 12); descendência de Isaac; Descendência de Jacob, com Lia (Gen. 29, 31-35; Gen. 30, 16 *sqq.*; Gen. 34, 1) e sua escrava Zilpa (Gen 30, 9 *sqq.*); com Raquel (Gen 30, 22 *sqq.* e Gen 35, 16) e Bilha (Gen 30 4 *sqq.*); síntese em Gen 35, 23 *sqq.*). Descendência de Esaú (Gen 36, 1-43); Descendência de Jacob, com Lia (Ruben, Simeão, Levi, Judá, Gen 29, 31-35; e ainda Issacar e Zabulão, Gen 30, 16 *sqq.*; e Dina, Gen 30, 21; 34, 1; 46, 15) e sua escrava Zilpa (Gad e Aser, Gen 30, 9 *sqq.*); com Raquel (José, Gen 30, 22 *sqq.* e ainda Benjamim, Gen 35, 16) e Bilha (Dan, e Neftali; Gen 30, 4 *sqq.*); síntese em Gen 35, 23 *sqq.*); Descendência de Esaú (Gen 36, 1-43); descendência de Judá, e sua história com a nora Tamar (Gen 38); Descendência de Jacob e seus filhos, todos os que entraram no Egito a convite de José e do Faraó (Gen 46, 8). O *Livro do Êxodo*, que apresenta a continuidade narrativa do *Gênesis*, e a concretização do regresso prometido dos filhos de Israel, exilados no Egito, à terra prometida de Canaã, começa com uma nova síntese da descendência dos filhos de Jacob; depois da morte de José e do Faraó seu protector, os Egípcios, atormentados pelos sinais de excepçoni fecundidade dos filhos de Israel, começam a persegui-los e a escravizá-los.

padrões de acção humana – episódios similares em que a diferenciada vinculação afectiva do pai, ou de um parente (o marido), há-de justificar o exacerbar do ressentimento de um ou vários dos irmãos contra o dilecto³⁶. Mais do que inscritos no fluir narrativo como etapas do passado, repetem-se e ampliam-se de geração para geração, e continuarão a recorrer também no futuro³⁷, os problemas de relação fraternal, que Jesus, filho unigénito e dilecto do Pai, imolado por aqueles a quem chama irmãos, condensará na controversa parábola do Filho Pródigo.

5. Conclusões

No enquadramento de uma tipologia comum, as narrativas de Filoctetes, na Literatura Grega, e de José, na tradição bíblica veterotestamentária, nascidas de tradições narrativas aproximadas, socorrem-se de estruturas ficcionais e temas similares, fundados em fontes inconscientes do imaginário, e possivelmente em ecos de memórias históricas aparentadas, onde se reflectem as primitivas migrações do homem. Sustentadas ambas no mitema do herói vítima do ultraje e do engano³⁸ dos mais próximos, que sobrevive à violência do exílio, e é convocado por superior desígnio da divindade a conquistar para os algozes a salvação, elas parecem traduzir, na verdade, duas mundividências distintas.

Na cultura grega, a tradição mítica parece privilegiar a consciência da individualidade inalienável de cada ser, vincadamente marcada como um traço distin-

³⁶ Vd. os casos paradigmáticos de Caim e Abel (Gen 4 *sqq.*); Sara e Agar (Gen 16, 6, e 21, 8); Ismael e Isaac (Gen 21, 8 *sqq.*), Esaú e Jacob (Gen 25, 19 *sqq.*), Lia e Raquel (Gen 29, 15 *sqq.*), Manassés e Efraim (Gen 48, 1 *sqq.*). O tema reflecte-se também na inversão natural da primogenitura, que recorre, depois de Esaú e Jacob, e José e os irmãos, na descendência anómala de Judá com sua nora Tamar: quando os gémeos Pereç e Zerah, estão para nascer, a parteira assinala com um fio escarlata a primeira mão, de Zerah, mas o outro irmão, Pereç, sobrepõe-se e antecipa o seu nascimento (Gen 38, 27-30).

³⁷ Veja-se em *Juízes* 9, o caso de Abimelech, um dos setenta filhos de Jerubaal, e de sua concubina de Siquém; indo ter com os irmãos da mãe, propõe-lhes evitar o domínio dos setenta irmãos sobre Siquém, e reinar sozinho; com o apoio dos habitantes de Siquém, cria um exército de vagabundos e degola sobre a mesma pedra sessenta e nove irmãos, escapando apenas Jotam, o mais novo; este proclama do alto do monte Garizim o apólogo das árvores que queriam um rei (Jz 9, 7-20), e que se deixam persuadir pela violência estéril do espinheiro; vivendo em clima de perpétua violência, Abimelec acabou atingido por uma pedra de mó que lhe lançou uma mulher (Jz 9, 22-57).

³⁸ A amplitude temática do desvio, da astúcia, e do engano, que se manifesta claramente na narrativa épica de Filoctetes (o engano pode ter justificado o ferimento do herói; o engano exila-o; o Destino obriga os Aqueus a irem resgatar o enganado ao exílio; Ulisses pretende fazê-lo com enganos; Neoptólemo reconsidera; Hércules vem impor a necessidade de reconsiderar no ressentimento) é também crucial na narrativa bíblica de José, e nos seus vários episódios ou actos, tornando-se uma importante chave de leitura do enredo (Rúben pretende enganar os irmãos, mas eles é que o enganam; os filhos enganam o pai com indícios construídos da morte de José; Onan engana Tamar e o pai; Judá engana Tamar (relegando-a a uma morte simbólica, a da fecundidade matrimonial adiada, para proteger o filho mais novo); Tamar engana Judá, prostituindo-se (para restabelecer a justiça e os seus direitos piisoteados); a esposa de Putifar engana José (por ciúme e por maldade); José engana os irmãos, acusando-os injustamente; cada uma destas cenas, artisticamente articuladas pelo uso aproximado dos mesmos esquemas, objectos e recursos, surge como recorte especular, que ajuda a iluminar as outras.

tivo que a *τύχη* cumula, arrastando os homens da queda ao resgate, e garantindo às vezes, pela sua *aristeia* heróica, a salvação colectiva³⁹.

Já na cultura judaica parece assumir fulcral importância, desde as origens, a noção da complementaridade familiar; cada indivíduo ocorre como um elo de uma rede extensa, sincrónica e diacronicamente, e corresponde, como tal, a uma etapa diferenciada de um projecto colectivo concebido e realizado com a supervisão atenta e empenhada de Deus. Na estrutura da narrativa veterotestamentária, o pormenor das *Genealogias*, muito mais agregador do que a referência onomástica e o título patronímico da cultura greco-romana, manifesta o cuidado com que o narrador testemunha pormenorizadamente, num articulado narrativo de excepcional plasticidade poética, a história individual da personagem, integrada num devir histórico que se projecta significativamente do passado para o futuro, e o torna a peça de encaixe única de um complexíssimo edifício. Os mais importantes vectores de sentido da história narrada (que se confunde com a história dos homens) passam exactamente pelos vínculos de filiação, paternidade e fraternidade, e pela consciência de que não cabe nunca aos homens o protagonismo absoluto sobre as circunstâncias.

A narrativa de José encerra com um indício muito claro no episódio enigmático de bênção e adopção por Jacob dos dois netos, filhos de José: ao reinscrevê-los ritualmente como seus filhos adoptivos, Jacob desvia Manassés e Efraim não só da natural linha sucessória do pai, mas também altera a lógica humana da primogenitura. Ao aproximar do pai cego as duas crianças, de tal forma que Manassés, o mais velho, se apresente à direita, e receba como primogénito a mais legítima das bênçãos, e Efraim, o mais novo, à esquerda, receba da mão menos importante a bênção menor, José claramente atribui prioridade ao direito consagrado da primogenitura; mas Jacob, que também usurpou ao irmão Esaú o direito de primogenitura e a bênção paterna, parece opor-se a esta lógica, e cruza intencionalmente as mãos, atribuindo a Efraim, “apesar de ser o mais novo” (Gen 48, 14), a primeira bênção. José procura corrigir o pai, julgando o seu gesto um erro involuntário (Gen 48, 17-18), mas o pai garante-lhe que tem consciência profética de que à posteridade do mais pequeno competirá ultrapassar a do mais velho, e “converter-se numa multidão de nações” (Gen 48,19)⁴⁰. A inversão, notada e comentada por José (que também beneficiou excepcionalmente da preferência explícita do pai), e assumida como consciente por Jacob, é também sublinhada

³⁹ Sobressai uma notação individualista de cada ser; a própria vocação para a salvação ocorre como um apelo à natureza individual do homem, que deve sobressair do grupo pela sua peculiar *aristeia*; ver a ânsia de Heitor de que o filho receba dos deuses (externamente) a possibilidade de, como o pai, se distinguir no combate, e tomar a dianteira nas fileiras de guerreiros que se preparam para arrostar corajosamente o destino; mais do que a notação de uma herança genética, há a convicção de um modelo de dignidade que se reproduz pela educação (Ulisses e Aquiles; Heitor); aqui o Herói Filoctetes é filho de Peante, mas não é pai de ninguém...

⁴⁰ Acompanhando o mesmo esquema de inversões que subjaz a todo o episódio (e a toda a lógica bíblica), na bênção particular que dirige ao filho dilecto, Jacob promete a José “uma porção superior à dos [teus] irmãos, porção conquistada ao amorreu, com a ajuda da [minha] espada e do [meu] arco”, Gen 48, 22.

no discurso pelo narrador (Gen 48, 20). Aqui, como na cena inicial do episódio (Gen 37, 10), a comentar o sonho de José adolescente, o pai anula a primitiva suspeita familiar de que os sonhos de José implicariam o seu desejo pessoal de protagonismo, e fá-lo perceber que não lhe compete assumir o domínio sobre toda a família, mas que o protagonismo será sempre, na sua história, assumido pela vontade inescrutável de Deus, que profeticamente a anuncia, às vezes de forma dolorosa, aos seus mediadores e eleitos⁴¹. Deus escreve certo por linhas tortas, e dá aos homens a possibilidade de reconhecerem os erros e culpas, regressarem à presença das suas vítimas, corrigirem a trajectória e empenharem-se na salvação. Jacob não nega ao filho a posição de declarada preferência que sempre lhe deu, entre os doze filhos que teve das suas várias esposas. Ele foi e será sempre o preferido, e o verdadeiro depositário das bênçãos divinas, fonte de vida e de fecundidade, para si, para os irmãos, para os Egípcios, e para a descendência de seus antepassados, através dos filhos, em particular do mais novo, Efraim. Contrariando, no entanto, a certeza da indelével preferência por José, primeiro filho da esposa mais amada, mas penúltimo dos filhos, Jacob chamará à hora da morte cada um deles a ocupar o seu lugar na herança, segundo as disposições e história pessoal. E José continuará, até morrer no Egito, aos cento e dez anos, a não dominar com a natural arrogância do predilecto os irmãos, mas, pelo contrário, a confiar-lhes a missão última de regressar, depois de morto, ao território sagrado da promessa ancestral.

Referências bibliográficas

- Bíblia Sagrada* (1981) (9.ª Ed.). Lisboa: Difusora Bíblica.
- Férez, J. A. L. (Ed.) (2002). *Mitos en la Literatura Griega Arcaica e Clásica*. Madrid: Ed. Clásicas.
- Grimal, P. (1992). *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. (Tradução portuguesa de Victor Jabouille do original *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*, 1951, PUF). Lisboa: Difel.
- Homero (2003). *Odisseia*. (Tradução de Frederico Lourenço). Lisboa: Ed. Cotovia.
- Homero (2005). *Ilíada*. (Tradução de Frederico Lourenço). Lisboa: Ed. Cotovia.
- Martínez, M. (2002). Las islas de los Bienaventurados/Afortunadas: Historia de um Mito en la Literatura Griega Arcaica y Clásica. In J. A. L. Férez (Ed.) (2002), *Mitos en la Literatura Griega Arcaica e Clásica* (pp. 515-45). Madrid: Ed. Clásicas.
- Pinto, A.P. (2018). A educação pelo sofrimento: o tema mítico de Filoctetes na Literatura Grega Antiga. In AA.VV., *Paideia e Humanitas: formar e educar ontem e hoje*. Lisboa: Húmus.
- Rad, G. (1982). *El Libro del Genesis*. Salamanca: Ediciones Sígueme.
- Sófocles (1988). *Filoctetes* (2.ª Ed. Introdução, versão do Grego e notas de José Ribeiro Ferreira). Coimbra: CECH.
- Thiel, H. (1991). *Homeri Odyssea*. Olms-Weidmann.

⁴¹ Os seus filhos passam por uma adopção ritualizada desviante a incluir-se na lista de herdeiros directos de Abraão, Isaac e Jacob, patriarcas eleitos por Deus, a quem compete cumprir os desígnios salvíficos; ao contrário da pretensões reguladoras do pai, também na nova fratria é a Deus que se reserva o direito de decidir a primazia de cada um; a José competirá, no estrito enquadramento da reiterada preferência afectiva do pai, ser o depositário da promessa de Deus anunciada em Bersabé (Gen 48, 21, cfr. 46, 4), que é a de regressar com os ossos paternos (Gen 50, 1-14) ao local que Deus “prometeu por juramento a Abraão, a Isaac e a Jacob” (Gen 50, 24), aonde regressará um dia, guiada por profetas, a descendência exilada de Israel.

- Thiel, H. (1996). *Homeri Ilias*. Olms-Weidmann.
 Webster, T.B.L. (1970). Sophocles, *Philoctetes*. Cambridge.
 Wénin, A. (2006). *La historia de José (Génesis 37-50)*. Navarra: Editorial Verbo Divino.

Resumo

A imagem de Filoctetes, sustentada nuclearmente pelo testemunho trágico de Sófocles, atravessa obsessivamente toda a Literatura Grega, no amplo arco temporal que vai desde a aurora original, com os Poemas Homéricos, ao ocaso, no séc. IX, com Fócio de Constantinopla. Arrastado do conforto da pátria pelo dever aristocrático de defender a honra dos pares, ferido pelos deuses e pela deslealdade dos companheiros, ele é obrigado a viver a condição excepcional de um exílio maior, que se confunde com a própria morte, isolado em Lemnos, até que sinais proféticos manifestem aos aqueus a exigência da sua pacificação e reintegração para a solução definitiva do conflito armado em Tróia.

Também na narrativa bíblica do *Génesis* (37 sqq), integrado numa história genealógica de traições familiares, a José, o filho preferido de Jacob, vítima do ressentimento dos irmãos, e forçado a assumir o exílio (simbolicamente vivido como orfandade e luto por ele e pela família), longe da casa e do amor paterno, caberá por desígnio divino a salvação dos que o ultrajaram.

É, pois, no enquadramento de uma tipologia mítica comum, apoiada em mitemas afins (como o do ultraje e do exílio) e estruturas ficcionais similares, que nos propomos fazer a leitura simbólica do tema da culpa e da salvação presente em ambas as narrativas.

Abstract

The image of Philoctetes, whose core is grounded on the tragic rendering by Sophocles, can be obsessively found throughout Greek Literature, along a wide temporal axis, since the very beginnings, with the Homeric Poems, until the end, in the 9th century, with Photius of Constantinople. Away from the comfort of his homeland, due to the aristocratic obligation of defending the honour of his peers, and wounded both by the gods and by the disloyalty of his companions, Philoctetes is forced to live an exceptional major exile, often considered to be his own death. Overwhelmed and isolated in Lemnos, he is to remain there until prophetic signs demand the Achaeans his peaceful reintegration in order to grant the armed conflict in Troy a definitive solution.

Similar features are found namely in 37 *Genesis* (and following). In this biblical narrative, framed by a genealogical history of family betrayals, Joseph, the favourite son of Jacob, and a victim of his siblings' contempt, was forced to embrace the exile – endured by himself as orphanage and by his family as mourning – far from home and away from fatherly love, until divine decision bestows upon him the salvation of those who have outraged him.

We therefore intend to carry out a symbolic reading of guilt and salvation as presented in both narratives afore-mentioned. We shall frame this reading within a common mythical typology, supported by mythemes such as *outrage* and *exile*.